

Terrorismo: a persuasão como forma de recrutamento¹

Aloma Fofonka BALDASSO²

Mariana Sperb GROSS³

Ana Paula da ROSA⁴

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo

Os fatos recentes ocorridos nas regiões onde agem os terroristas do Estado Islâmico (EI) instalaram um debate mundial sobre este tema. O objetivo do estudo foi compreender o papel midiático frente à Teoria da Persuasão, adotado por esta organização criminosa como forma de aliciamento para expansão do terrorismo. Para isso, foi avaliado o caso de Brian de Mulder, que ganhou destaque na mídia nacional dado a forma de sua ingressão no EI. A análise mobilizou a Teoria da Persuasão⁵ em confronto com outras publicações relacionadas ao terrorismo. A aferição indicou que pessoas com instabilidade mental apresentam maior tendência à alienação terrorista. Ficou ainda evidente que a persuasão está presente em muitos atos terroristas, e a mídia é, na maioria das vezes, utilizada favorecendo a ação.

Palavras-chave: Estado Islâmico; mídia; persuasão; terrorismo.

1 Introdução

Desde o ataque às Torres Gêmeas em 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos, o tema terrorismo, praticado principalmente por radicais islâmicos, se popularizou nos meios de comunicação. Cada ataque realizado por terroristas é noticiado instantaneamente pela mídia em seus canais, objetivando alcançar o maior número possível de espectadores. Contudo, não são só empresas de comunicação que divulgam acontecimentos terroristas. Os próprios grupos radicais ingressaram ao meio para fazer a exposição de seus atos, suas ideologias, assim aproveitando para induzir as pessoas, principalmente jovens, ao movimento.

Em meio a tantos grupos terroristas, o Estado Islâmico atualmente recebe destaque na mídia por fazer ameaças ao ocidente através da exposição de reféns. O aliciamento de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Unisinos, email: alomabaldasso@gmail.com

³ Estudante de Graduação 3º. Semestre do Curso de Relações Públicas da Unisinos, email: marigros@gmail.com

⁴ Orientadora, Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos e Professora dos cursos de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, email: anaros@unisinos.br

⁵ Conceituação descrita por Mauro Wolf em Teorias da Comunicação. São Paulo, 1999.

juvenis realizado por esse grupo é frequente, a exemplo do caso Brian de Mulder que se converteu ao islamismo, e atuou na organização.

A Teoria da Persuasão, conceituada por Mauro Wolf em *Teorias da Comunicação* (1999), provoca o emissor a pensar e saber escolher quais veículos de informação irão atingir o público-alvo com maior precisão. Ela destaca ainda o interesse do indivíduo em querer receber a informação.

A proposta do presente trabalho foi analisar como o terrorismo utiliza os meios de comunicação para o ingresso no Estado Islâmico através da Teoria da Persuasão, relacionando ao caso de Brian de Mulder.

2 Revisão Teórica

2.1 Teoria da Persuasão

A Teoria da Persuasão principia-se nas diferentes formas de reação das pessoas aos estímulos que recebem. Isso significa que para existir com êxito é necessário que o próprio receptor queira saber mais sobre o assunto que está sendo transmitido. Segundo Wolf (1999, p.12): “persuadir os destinatários é um objetivo possível, se a forma e a organização da mensagem forem adequadas aos fatores pessoais que o destinatário ativa quando interpreta a própria mensagem”. Por isso, também diz que “é indispensável conhecer as preferências das diferentes camadas da população no que respeita aos meios de comunicação”.

O recebimento de uma determinada mensagem é influenciado por vários fatores, destacando-se: o interesse de obter a informação, a memorização seletiva, a credibilidade do comunicador e a ordem da argumentação. Dentre os fatores relevados, Wolf (1999, p.16) afirma que algumas investigações procuram entender se a ordem da argumentação pode influenciar na resposta do receptor. Para ele, o *primacy effect* (argumento inicial) se destaca quando o tema é desconhecido, já o *recency effect* (argumento final), quando há familiaridade.

“Os aspectos que estão de acordo com as atitudes e as opiniões próprias são memorizados em um grau mais elevado do que os outros e essa tendência acentua-se à medida que vai decorrendo o tempo de exposição à mensagem” (WOLF, 1999, p.15). Assim, a eficácia da mensagem vai muito além da sua estrutura em si, pois os principais fatores que influenciam no sucesso dependem das características do receptor que podem ser muito variáveis. Lazarsfeld, Berelson e Mcphee (1971 apud SOUSA, 2006, p.499) explica que a motivação e o interesse são diferentes conforme a pessoa. Segundo ele, no momento

em que ela vai sendo exposta a determinado assunto, aumenta seu interesse pelo mesmo e também a motivação em o aprofundar.

A Teoria da Persuasão exige que se esteja atento ao público e às suas características psicológicas para que se obtenha resultados positivos em relação ao recebimento da mensagem pelo receptor. Isso se encaixa na publicidade, por exemplo, mas também em casos de aliciamento de pessoas a grupos terroristas, uma vez que segundo Sousa (2006, p.498) “quanto mais cultos e instruídos são os receptores e quanto mais familiarizados estão com o tema, menos necessário se torna explicitar as conclusões de uma mensagem para que esta seja apreendida”.

2.2 Terrorismo e Mídia

Embora ainda não exista em nível internacional uma definição clara de terrorismo, a legislação brasileira, por meio do Art.20 da Lei 7.170, de 14 de dezembro de 1983, a Lei de Segurança Nacional adotou a seguinte redação para conceituar terrorismo: Devastar, saquear, extorquir, roubar, sequestrar, manter em cárcere privado, incendiar, depredar, provocar explosão, praticar atentado pessoal ou atos de terrorismo, por inconformismo político ou para obtenção de fundos destinados à manutenção de organizações políticas clandestinas ou subversivas.

Chomsky (2003, p.2) explica que os manuais do Exército dos Estados Unidos, nos anos 80, quando estavam declarando guerra ao terrorismo, definiram terrorismo como a ameaça calculada ou uso da violência para obter metas políticas, religiosas ou ideológicas, conduzidas através da intimidação e da disseminação do medo. Para Évora (2006, p.3) trata-se de “atos de violência não legitimados, que visam espalhar [...] insegurança e medo, destruindo assim a capacidade de resistência e a moral de uma população”.

Com o avanço das tecnologias, as mídias conseguem transmitir de forma surpreendentemente rápida acontecimentos universais. Um dos temas tratados com muita importância e agilidade são os ataques terroristas. A ampla cobertura disponibilizada pelos meios de comunicação aos atos terroristas, segundo Sobral (2005, p.2), pode ser causada pela necessidade que os meios precisam, da dimensão trágica, inesperada e violência dos atos para manter seus índices de audiência.

Quando os atos terroristas envolvem morte, eles, conseqüentemente, paralisam a população, influenciando diretamente a vida em sociedade. “O terrorismo se transformou em uma poderosa realidade midiática, reforçada por fenômenos como o radicalismo

nacionalista e o fundamentalismo religioso e, sobretudo pela globalização que assegura a projeção intercontinental do ato terrorista” (SOBRAL, 2005, p.2).

Moreira (2007, p.14) acredita o ódio contra o Ocidente por parte dos grupos terroristas se tornou explosivo com o processo de globalização, iniciando um radicalismo sem limites. A exemplo dos ataques aéreos de 11 de setembro, Moreira ainda revela que a violência se tornou mercadoria, e afirma que a utilização dos recursos da mídia é componente essencial na estratégia de Bin Laden, uma vez que dessa forma conseguiu transmitir sua mensagem ideológica para o mundo todo.

“A eficácia plena do ato de destruição, depende da cobertura dada pelos meios de comunicação” (SOBRAL, 2005, p.1) que para Letria (2001 apud SOBRAL, 2005, p.1) está associado o “tempo e o destaque concedido a ação terrorista ao seu efeito na opinião pública”. A repercussão da ação também é planejada em um ataque terrorista. Para Évora (2006, p.4), quando acontece um comando terrorista, com atos de destruição humana e material, além do sofrimento e a morte, é esperado a consagração de uma ampla cobertura midiática. O estudo realizado pelo autor, em 2003, conclui que “a cobertura midiática do 11 de Setembro fez transportar o horror para os quatro cantos do mundo, causando assim, um ambiente de medo global” (ÉVORA, 2006, p.4). Faz-se necessário lembrar a repercussão que o ataque causou a partir da cobertura ao vivo e posterior produção cinematográfica.

A cobertura da violência terrorista é, em primeira análise, um momento de trabalho informativo, no qual as imagens e as palavras são a mais poderosa das denúncias do horror. Mas é precisamente esta cobertura que as organizações terroristas procuram, pois dela depende a eficácia plena do ato de destruição (LETRIA, 2001 apud ÉVORA, 2006).

A dimensão pública gerada através da divulgação midiática dos ataques terroristas gera satisfação aos criminosos diante a situação. Através da evolução das tecnologias de comunicação, Corrêa (2005, p.1) aponta que a divulgação de conteúdo foi facilitada e democratizada, o que alterou as formas de aquisição, organização e troca de informações da sociedade, proporcionando a instantaneidade. Diariamente, a comunicação global é invadida por uma variedade enorme de imagens vindas das mídias de massa, do cotidiano dos indivíduos, dos governos e das mais variadas organizações, a exemplo, dos grupos terroristas.

Os meios de comunicação, tais como as redes sociais *Facebook* e *Twitter*, passaram a exercer importantes papéis nas interações humanas. Para Corrêa, os meios de massa, como a internet, também são geradores de conflitos das sociedades contemporâneas. O autor

explica que um possível exemplo gerado pelos meios de comunicação foi “entre o grupo terrorista Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS⁶) e o mundo ocidental, que se agravou depois do ataque do grupo à revista *Charlie Hebdo*” (CORRÊA, 2015, p.2). Mesmo que a satirização seja abordada para com todas as religiões, os islâmicos radicais do EI mostraram repúdio à ideia da revista de caricaturar o profeta Muhammad.

O fundamentalismo, na atualidade, pode estar associado a diversos fatores históricos, econômicos e políticos. Corrêa (2015, p.5) afirma ser inquestionável como a internet através das redes sociais, ajuda a divulgar propagandas extremistas religiosas, e coloca a imagem como meio central nas interações entre grupos terroristas com o restante do mundo. O autor também explica que essas interações expõem tanto assuntos relacionados a busca de identidade de jovens em todo o mundo, quanto imagens mediadas por violência e terror.

Laborde (2016), responsável pela luta antiterrorista da ONU, explicou que o *Facebook* bloqueia, semanalmente, 1 milhão de mensagens associadas a promoção do terrorismo ou às ideologias radicais. Esse tipo de conteúdo é gerado não somente no *Facebook* como em todos os meios de massa capazes de alcançar a população.

O acesso irrestrito à internet possibilitou a acessibilidade universal, e também, a publicação de conteúdos de autoria própria. Corrêa (2015, p.7) salienta que as tecnologias de comunicação, interativas e portáteis, auxiliam a permanência de grupos minoritários, assim como o planejamento de ações políticas e a propaganda de atos terroristas. À medida que qualquer pessoa colabora com a divulgação de eventos, ela origina uma variedade de visões e enquadramentos da realidade.

Os grupos terroristas, presentemente, utilizam muito bem as tecnologias audiovisuais. Corrêa (2015, p.8) fala do papel dessas tecnologias em relação aos terroristas com o resto do mundo, pois, parte das propagandas e vídeos do Estado Islâmico, por conterem imagens das violentas execuções de prisioneiros, acabam se tornando virais. A popularidade dos grupos terroristas, ainda conforme o autor, aumentam devido as repetitivas menções em mídias de massa, originando uma “guerra de imagens”, que são vistas por todo mundo.

Zakaria (2015) explica que no mesmo momento, em que muitos encaram as imagens e vídeos divulgados pelos grupos terroristas como extremistas e ofensivas, outros consideram como uma atração, principalmente para aqueles que se encontram à margem da sociedade. Conforme o autor, isso é a principal fonte de poder que ajuda a organização do

⁶ Também conhecido como *ISIS*, sigla originada do inglês *Islamic State in Iraq and Syria*.

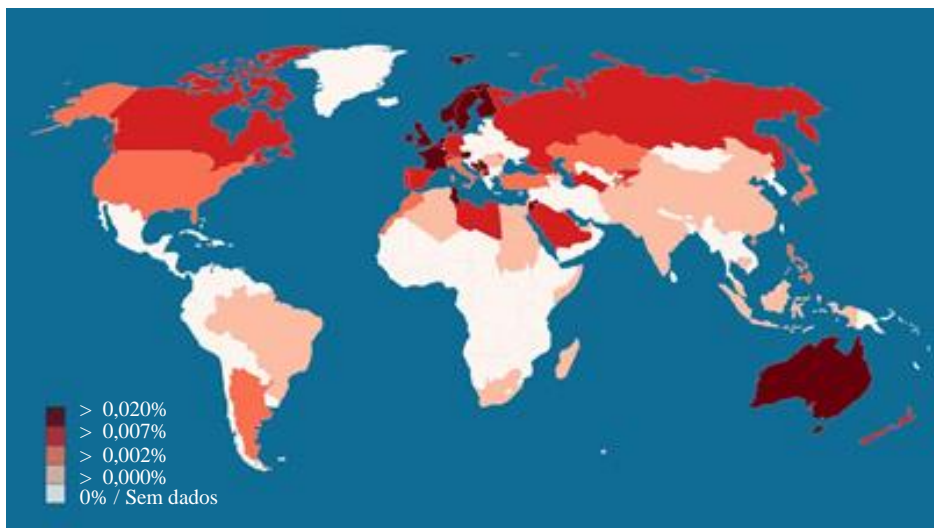
Estado Islâmico a sobreviver, pois, todos os dias, um significativo número de jovens de várias nacionalidades chega aos acampamentos da Síria e do Iraque.

Os vídeos do grupo extremista Estado Islâmico, mostram, além de força terrorista, imagens do dia a dia do grupo, sendo também uma forma de convite para os jovens participarem da “guerra santa”. Inúmeros jovens são atraídos com a promessa de ter “(...) companheirismo, poder, mulheres e até mesmo uma ‘vida’ no paraíso após a morte”, cita Corrêa (2015, p.8).

Combi (2015) afirma que o Estado Islâmico faz o uso da visão heroica e masculinizada para os homens que aceitam entrar no meio dessa guerra. Para Corrêa (2015, p.8) a imagem criada é como uma armadilha psicológica que atrai muitos jovens através do apelo de obrigação com a pátria ou luta histórica. Combi (2015) enfatiza, ainda, que para alguns jovens, a decisão em entrar para grupos como o Estado Islâmico é mais sustentada pela rebelião, glória e aventura do que propriamente a ideologia.

Nos últimos anos, muitos ocidentais passaram a ingressar em grupos terroristas. Associados à sua população muçulmana, os países que apresentam maior probabilidade a radicalização terrorista são os localizados no ocidente, juntamente com a Austrália, conforme Figura 1.

Figura 1 – Estrangeiros recrutados para o Estado Islâmico em relação ao percentual populacional islâmico



Fonte: Galka (2016)

Na opinião de Huntington (1993 apud CORRÊA, 2015) as questões ideológicas não pertencem ao mundo desses jovens e o que chama os ocidentais para grupos terroristas é o que se divulga na internet: o propósito de vida, conexão e pertencimento. Castell (2005

apud CORRÊA, 2015) fala de uma “sociedade em rede”, na qual a rapidez e interatividade são dois pontos básicos de convergência, e a imagem pode, talvez, representar a forma mais democrática e também, manipuladora de informação.

O terrorismo até recentemente escolhia suas vítimas criteriosamente, sendo elas importantes figuras governamentais, afirma Laqueur (2003 apud SOBRAL, 2005). Porém, explica o autor, que no terrorismo contemporâneo, isso não existe mais, pois a violência do atentado e a propagação máxima de destruição passaram a ser o objetivo principal.

2.3 Terrorismo e Estado Islâmico

Presente em diversos países, mas principalmente no Oriente, o islamismo é uma religião que conta com aproximadamente 1,3 bilhão de pessoas, praticada por quase um quinto da sociedade mundial e presente há mais de 1,4 mil anos (GOMES, 2014, p.74). Em alguns países a religião é considerada oficial e praticada pela maioria da população, sendo concentrada, conforme Demant (2008 apud GOMES, 2014) “(...) num vasto arco, que se estende da África ocidental até a Indonésia, passando pelo Oriente Médio e a Índia”.

A palavra *Islam* é originada da língua árabe, que segundo Aini (2003) significa “à Vontade de Deus”. As filosofias desta religião monoteísta estão escritas no Alcorão, livro considerado sagrado pelos Muçulmanos, com revelações divinas recebidas por Maomé (AINI, 2003). A maioria dos países muçulmanos encontra-se em terras santas, não permitindo a entrada dos nativos de países ocidentais. No Alcorão a única guerra permitida é a da autodefesa, o que legitima os ataques contra forças invasoras, aponta Moreira (2007, p.15).

Os grupos terroristas islâmicos lutam contra a globalização e ocidentalização de seus países, e mesmo tendo objetivos em comum, costumam ser independentes. O Estado Islâmico (EI), um dos mais conhecidos grupos terroristas, frequentemente tem aparecido na mídia por divulgar vídeos de seus reféns sendo decapitados. Originado no Oriente Médio, a organização criminosa é operada por rebeldes que objetivam dominar os territórios islâmicos no Iraque e na Síria (WITZKI, 2015, p.2).

Para Witzki (2015, p.2) o Estado Islâmico utiliza como força aliada os ensinamentos do alcorão como filosofia, tendo como característica fundamentalista que consiste na observância cega dos ensinamentos do islamismo. É por isso que, segundo o autor:

Rejeitam qualquer outra religião, excluem a mulher a qualquer direito, exercem a dominação à base da força e da conversão ao Islamismo. Capturam e condenam à morte aqueles que rejeitam suas imposições filosóficas e utilizam um argumento

peculiar como estratégia de convencimento psicológico dos povos que desejam dominar: a publicidade dos seus feitos. (WITZKI, 2015, p.2).

O Estado Islâmico, assim como muitos grupos terroristas, utiliza uma bandeira preta como símbolo de dominação dos territórios. Witzki (2015, p.2) explica que “o grupo busca financiamento através da negociação de reféns e a propaganda das suas convicções em materiais impressos e eletrônicos onde se encontram as diretrizes/leis a serem seguidas”.

Para Witzki (2015, p.3), o grupo extremista recriou um antigo sistema de Califado, em que seu líder é o enviado do profeta Maomé, ou seja, uma guerra religiosa comandada por um líder que está acima de qualquer lei. Recentemente os líderes do regime se aperfeiçoaram em estratégias de guerrilhas, em que cidadãos civis de outras nacionalidades se tornam coleção, servindo como moeda de troca em negociações mediadas pelos vídeos postados na internet (WITZKI, 2015, p.3).

Um fato recente, foco de estudo do presente artigo, chocou a comunidade global e principalmente os brasileiros. O caso de Brian de Mulder, se destacou pelo jovem ser filho de brasileira, imigrante Belga, ingressante no Estado Islâmico e ainda ser suspeito de ter participado do massacre em Paris, em 2015.

3 Estudo de Caso

É estimado que mais de dois mil ocidentais já saíram da Europa para ingressar ao Estado Islâmico, sendo que destes, aproximadamente trezentos saíram da Bélgica (MÃE..., 2014). O uso de ocidentais em grupos terroristas tem se tornado frequente, inclusive há brasileiros que ingressam nesses meios. É o caso de Brian de Mulder, adolescente que abandonou a família, com a qual morava na Bélgica, para entrar no mundo terrorista. Segundo o prefeito de Antuérpia, cidade em que Brian morava, o adolescente era considerado muito perigoso e radical e inclusive há testemunhas que o reconheceram em atentados.

Filho de mãe brasileira e pai belgo, o jovem tinha apenas 19 anos quando tomou a decisão de abandonar a família para ingressar no Estado Islâmico. Segundo Bizzotto (2014), em entrevista concedida a BBC⁷, a mãe de Brian explica que ele era católico praticante e frequentava uma das melhores escolas católicas da cidade, inclusive usava seu crucifixo com frequência. O sonho de Brian era se tornar um jogador profissional de futebol, mas a

⁷ *British Broadcasting Corporation* - Imprensa britânica.

dispensa do time em que atuava, o fez entrar em depressão (MÃE..., 2014). O acontecimento foi o passo inicial para a radicalização da vida de Brian.

Jovens muçulmanos, moradores do mesmo bairro que Brian, notaram que ele andava em depressão e aproveitaram a oportunidade para se aproximar do adolescente. Com a promessa de superar o que estava enfrentando, eles aconselharam Brian a recorrer as forças de Alá e ao profeta Muhammad. Brian foi então convencido a visitar a mesquita que eles frequentavam e logo se converteu ao islamismo. A situação frágil possibilitou o contato fácil entre dois grupos tão diferentes. Talvez, possa ser dito que Brian resolveu experimentar algo novo. É o que muitos jovens fazem nesses momentos.

Bizzotto (2014) comenta que, em entrevista com Rosana Rodrigues, mãe de Brian, esta contou que mudou de cidade para tentar impedir o filho de frequentar essas reuniões, mas outros membros da Sharia4Belgium⁸ iam buscá-lo em casa. A distância não se tornou barreira para o contato entre os jovens e as redes sociais facilitaram a comunicação.

Na mesquita em que Brian frequentava, foi encontrado extremistas de diversos países. Mulder foi apresentado a um dos líderes dos extremistas na Bélgica, Fuad Belkacem, porta-voz da Sharia4Belgium. Rosana conta que seu filho foi levado para outra mesquita escondida no meio da Floresta das Ardenas: “eles se escondem lá para ficar aprendendo a pular, atirar, aprender a passar fome. Eles fazem um total treinamento nos meninos”. Em menos de dois meses frequentando a mesquita, no fim de 2012, Brian foi para a Síria se juntar aos extremistas (MÃE..., 2014).

Parentes notaram a mudança comportamental de Brian. “Eu posso fazer qualquer coisa que eu quero e se eu morrer eu não estou com medo. Eu vou para o paraíso de *Allah*”⁹ (CRAWFORD, 2013, tradução nossa). Alá serve como uma base estrutural para esses jovens, como se todas as soluções dos problemas estivessem nele.

Um dia Brian saiu de casa sem dar nenhuma explicação e foi para Síria juntamente com os extremistas, onde passou a ser chamado de *Abu Qassem Brazili*, um jihadista belga-brasileiro. “Fui no quarto dele e ele já não estava mais lá. Ele só se despediu da minha filha mais nova. Deu um beijo no rosto dela e falou que essa era a última vez que ela ia ver ele”, conta Rosana Rodrigues.

Em outubro de 2015, a irmã de Brian, recebeu uma mensagem via *Whatsapp*, da esposa de Brian, dizendo que ele havia ido para o paraíso. A irmã estranhou a forma como a

⁸ *Sharia4Belgium* é um grupo acusado de radicalizar jovens belgas e enviá-los para Síria e Iraque.

⁹ “*I can do whatever I want and even if I die I am not afraid, I will go to the paradise of Allah*”.

esposa tratou a morte do marido, pois não apresentou tristeza, e sim considerou como algo positivo (FILHO..., 2015). A esposa de Brian vê a morte de acordo com a religião islâmica, como uma ida para o paraíso, assim demonstrando que a mulher tinha os mesmos ideais.

A mãe do jovem acredita que a versão contada sobre a morte de Brian é mentira. Também há casos de extremistas que foram dados como mortos e que, tempos depois, reapareceram. Essas táticas são usadas para camuflar movimentações, o que neste caso faria sentido, já que ele é muito procurado (LIMA, 2015).

Brian criou contas no *Facebook* e *Twitter* com o seu novo nome. Em entrevista, a tia de Brian menciona que ele postou em seu *Facebook* que: “eles precisavam se tornar crentes verdadeiros”¹⁰ (CRAWFORD, 2013, tradução nossa). A atitude de Brian, pode ter persuadido muitos jovens, basta eles possuírem alguma característica que se enquadra com a publicação de Brian. O meio em que ele publicou a informação é um canal em que está presente um grande número de jovens; os amigos de Brian, que confiam nele, passam a receber a mensagem de uma forma diferente. Por isso, o momento que a pessoa está vivendo, é essencial para interpretação da mensagem.

Na rede social *Twitter*, Brian tem uma conta diferente para os dois momentos de sua vida. Uma é antes de ele ser aliciado, com o nome Brian de Mulder¹¹, e a outra foi criada quando ele ingressou no grupo terrorista¹². As postagens de Brian eram em diferentes idiomas (português, inglês, francês e árabe) e diziam sobre como Deus é único e bom. As pessoas que seguiam Brian em sua segunda fase no *Twitter* tinham a possibilidade de ser persuadidas através da publicidade que ele fazia do terrorismo em sua rede.

A teoria da persuasão é estimulada pelo próprio Brian. Quando as publicações surgiram em sua rede, já havia passado diversas notícias sobre ele ter ingressado no Estado Islâmico. A situação do jovem pode ter despertado curiosidade em outros, principalmente para aqueles que estavam buscando novas aventuras ou passando por momentos de rebeldia, o que se possibilitou do acesso ao perfil de Brian nas redes sociais. Como Wolf (1999) explica, a estrutura da mensagem não é muito importante, e sim, o estímulo que as pessoas emitem ao receber a mensagem.

O *Twitter* da segunda fase de Brian foi criado em 2014, seguido de poucas publicações. No momento em que foi anunciado a sua morte, as postagens foram interrompidas. Porém, a conta voltou a ter publicações em abril e junho de 2016, com os

¹⁰ “Brian put up a notice on his Facebook page a few days ago saying they need to become true believers”.

¹¹ twitter.com/briandemulder

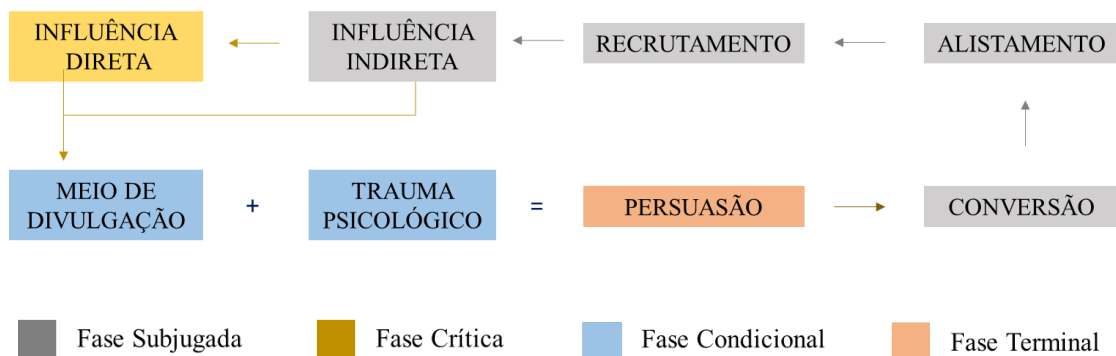
¹² twitter.com/AbuQassemBraz

dizeres: “o bom filho a casa torna”. Desde então, não se sabe o que realmente aconteceu, se é um caso de hackeamento ou se Brian continua vivo.

4 Análise de Dados

O uso da comunicação de massa se tornou instrumento essencial para os terroristas, principalmente os aliciadores. Foi notável, à exemplo de Brian de Mulder, que a sujeição à ideologia desconhecida é mais preponderante quanto mais frágil estiver o ânimo pessoal em relação à sociedade. Mesmo que os jovens desconheçam a religião islâmica, eles se convertem com muita facilidade, havendo uma troca de objetivos, ideologias, e inclusive hábitos sociais. No diagrama abaixo foi construído uma cadeia distinguida em etapas presentes no processo terrorista, para facilitar a percepção da influência midiática no meio.

Figura 2 – Cadeia da influência midiática para o recrutamento



Fonte: Autores (2016)

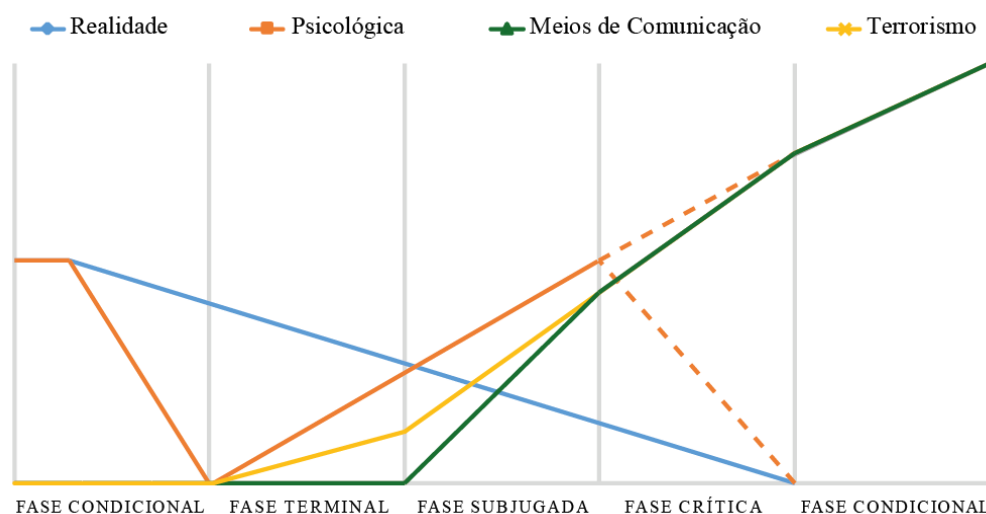
A fase condicional, que abrange o meio de divulgação adicionado ao trauma psicológico, foi indicada como as circunstâncias necessárias para ocorrer o início da persuasão. Após a aferição da persuasão, tida como o momento terminal, uma vez que remete ao fim de uma identidade e o início de outra, foram apontadas as etapas dominadas pelo grupo terrorista, onde não se possui controle, denominada de fase subjugada.

A influência indireta, produzida pelos grupos terroristas como promessas de uma vida perfeita no paraíso junto a Alá, são fornecidas através dos meios de comunicação, possibilitando o contato do público interessado com o assunto, dando início novamente a cadeia. Ainda pode ocorrer a divulgação da influência direta, apresentada como fase crítica, que também fornece conteúdos produzidos pelos radicais, porém divulgados através dos canais midiático como matéria informativa para a população, a exemplo dos ataques terroristas. Foi adotado a nomenclatura de “crítica” já que é este momento que evidencia o

sucesso do planejamento terrorista, com a conquista de público e novos adeptos frente ao terror.

Na Figura 3 foi comparado a real vida de Brian de Mulder e a provável vida idealizada por ele no terrorismo diante das diferentes fases da influência midiática de seu recrutamento. Também foi analisado a relação comportamental da propagação do terrorismo e dos meios de comunicação frente a essa cadeia.

Figura 3 – Relação da vida de Brian de Mulder com a propagação do Terrorismo



Fonte: Autores (2016)

O gráfico apontou que a vida psicológica apresentada a Brian pelo terrorismo através dos meios midiáticos, inicialmente era estável até o momento de seu trauma social, que o levou a ser persuadido durante a fase terminal e crescer sua auto-estima. Diante da dificuldade informativa sobre o tema, a fase crítica de Mulder é incerta, não podendo se afirmar se este continuava convicto da idealização de sua nova vida, ou se houve traços de arrependimento.

Com relação a realidade do Caso de Brian de Mulder, conforme os dados divulgados na mídia, ficou evidente que a partir da fragilidade de Mulder frente ao choque emocional que sofreu, a sua instabilidade mental o levou a aderir às ideologias do Estado Islâmico, que por sua vez, o convenceu a se submeter às práticas terroristas e a propagar o terror, o que pôde ser interpretado pela depressão gráfica até sua possível morte, uma vez que é incerto o seu atual paradeiro, o que justifica a incontinuidade da fase crítica para a fase condicional.

Foi possível ainda relacionar a atuação dos meios midiáticos com o caso de Brian de Mulder através do momento em que foi divulgado sua ligação com o Estado Islâmico. Já o

progresso do terrorismo começou lentamente, a partir do momento da persuasão, e encontrou no meio midiático a forma de crescer através da divulgação das ações de Brian. Há portanto, uma tendência de crescimento do terrorismo e da mídia lado a lado, que transpassa a incerteza da morte de Mulder e reinicia a cadeia com uma nova persuasão.

O uso de ocidentais como garotos-propaganda se tornou, portanto, uma tática do Estado Islâmico para atribuir medo no Ocidente e atrair mais seguidores. O aliciamento de Brian, que se tornou mais um membro ameaçador do Estado Islâmico, é uma prova de que o terrorismo está presente em todo o mundo.

A tecnologia, acompanhada da persuasão, conquistou novos terroristas, pois nela, todos atuam como espectadores. Existindo a possibilidade de produzirem estímulos, os aliciadores atuam através da internet em todo o mundo. Assim como Brian, muitos terroristas do EI não são de países árabes. Ao aceitar ir em busca de um ilusório poder e 'santidade', homens e mulheres como Brian entram em um caminho sem volta, onde terão como missão matar pessoas inocentes, e as chances de ser morto em algum conflito ou até mesmo pelo próprio grupo, é muito grande.

Torna-se perceptível os princípios da persuasão onde há um estímulo e a mensagem é recebida com sucesso, influenciada por momentos traumáticos que o jovem pode estar passando. Assim, se a mensagem foi de seu interesse, ele possivelmente recebeu de forma que fez mudar algo em sua vida.

5 Considerações Finais

Neste artigo, foi analisada a maneira de inicialização das pessoas em grupos terroristas. Foi compreendido, através do caso de Brian de Mulder, que os jovens aliciados têm em comum um trauma social vertente de suas vidas, tratando-se, geralmente de: depressão, frustração, desânimo, insegurança e solidão. O contato com esses jovens é feito de maneira acolhedora, passando segurança, valorizando-os e oferecendo um novo estilo de vida mais gratificante, servindo a Alá.

A teoria da persuasão é dependente de experiências vividas anteriormente pelos jovens. Para o aliciamento, ficou explicitado a existência de olheiros esperando jovens com autoestima depreciada, em busca de mudanças na vida. Com essa inversão da visão de valores, o jovem passa a ter atitudes que refletem em um novo estilo de vida, seguindo os ideais conhecidos de terroristas.

Além disso, cada vez mais o terrorismo ganha forças, e a mídia como veículo de informação através de noticiários de televisão, rádio e principalmente da internet, também acaba servindo para divulgar e espalhar a ideia de ódio, preconceito e extremismo, persuadindo os que estão vulneráveis.

Referências Bibliográficas

AINI, Aisha. *Apresentando o Islam*. Nov. 2003. Disponível em: <http://www.islamismo.org/apresentando_o_islam.htm>. Acesso em: 15 jun. 2016.

BIZZOTTO, Márcia. *Mãe de brasileiro jihadista perde controle e é retirada de tribunal*. BBC Brasil, 30 set. 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140930_mae_jihad_pu_mb>. Acesso em 05 jun. 2016.

BRASIL. Lei nº 7.170, de 14 de dezembro de 1983. *Lei de Segurança Nacional*. Diário Oficial da república Federativa do Brasil. Brasília, DF, 15 dez. 1983. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7170.htm>. Acesso em: 05 jul. 2016.

CHOMSKY, Noam. *Mídia, terrorismo e (des)informação*. Revista Famecos. Porto Alegre, RS, v. 1, n. 22, dez. 2003.

COMBI, Chloe. *'Money, guns, girls': How ISIS recruiters win in the West*. May 20, 2015. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2015/05/19/opinions/isis-recruitment-combi/index.html?sr=cnnitw>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

CORRÊA, Érica de Castro. *A Sociedade Contemporânea e o Espetáculo do Terror*. Anais Intercom Nacional, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

CRAWFORD, Duncan. *From Belgian school to Syrian battleground*. BBC News, 23 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/magazine-22277462>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

ÉVORA, Silvino Lopes. *O discurso mediático sobre o terrorismo*. Dissertação (Mestrado Ciências da Comunicação) - Universidade do Minho, Braga, PT, 2006.

FILHO de brasileira é condenado por envolvimento com Estado Islâmico. *Jornal Nacional*. 11 fev. 2015. Disponível em: <<http://glo.bo/1DiQ5cG>>. Acesso em 08 jun. 2016.

GALKA, Max. *New Research Shows ISIS Recruitment Driven by Cultural Isolation*. 27 abr. 2016. Disponível em: <www.huffingtonpost.com/max-galka/new-research-shows-isis-r_b_9782022.html>. Acesso em: 05 jul. 2016.

GOMES, Ingrid. *A cobertura jornalística do Islamismo – narrativas marginalizadas e moralizantes*. Intercom – RBCC. v.37, n.1. São Paulo, 2014.

LABORDE, Jean-Paul. *Facebook bloqueia 1 milhão de textos terroristas por semana*. 18 dez. 2015. Disponível em: <<http://glo.bo/1NWytt3>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

LIMA, Carolina. *Brasileira cujo filho morreu pelo EI: ‘Tinha esperança de vê-lo, vivo ou morto’*. 20 nov. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/brasileira-cujo-filho-morreu-pelo-ei-tinha-esperanca-de-ve-lo-vivo-ou-morto-18098026>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

MÃE brasileira conta como seu filho se tornou radical do Estado Islâmico. *Fantástico*, 21 set. 2014. Disponível em: <<http://glo.bo/XIzXQu>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

MOREIRA, José Deodoro. *Mídia, fundamentalismo e terror: A lógica da barbárie*. Estudos em Jornalismo e Mídia – v. 4, n. 1. Santa Catarina, 2007.

SOBRAL, Thiago. *Terrorismo e mídia: discurso e enquadramentos presentes na cobertura da Folha de São Paulo*. Intercom, v.28, Rio de Janeiro, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. 2.ed. Porto: revista e ampliada, 2006. 823p.

WITZKI, Fabio Luiz. *A estética do medo: poder e comunicação do estado islâmico*. Anais Intercom Sul, Curitiba, PR, 2013.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 5.ed. Lisboa: Presença, 1999. 272p.

ZAKARIA, Fared. *How ISIS has thrived*. 17 maio 2015. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2015/04/27/opinions/zakaria-isis-shakes-world/index.html>>. Acesso em: 08 jun. 2016.